

ÁPEIRON: ESTUDOS EM FÍSICA E METAFÍSICA

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes*

* Doutor em Filosofia,
Universidade Federal
do Rio de Janeiro.
Professor de Filosofia,
Ética e Política,
Instituto Federal de
Educação, Ciência
e Tecnologia do
Triângulo Mineiro.

Recebido em: 05/10/2019

Aprovado em: 06/11/2019

APEIRON: STUDIES IN PHYSICS AND METAPHYSICS

lmbmenezes@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

O grupo de pesquisa *Ápeiron: Estudos em Física e Metafísica*, cadastrado no CNPq e registrado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM), foi criado no início de 2018 e tem o intuito de desenvolver pesquisas no âmbito da metafísica antiga relacionada à física contemporânea. Ele possui duas linhas de estudo que estão sendo desenvolvidas, respectivamente, em um projeto de pesquisa intitulado “Projeto Prometeu”, e em um projeto de extensão cujo título é “Física Filosófica”. Nestas notas de pesquisa, falaremos um pouco do trabalho desenvolvido em ambas as linhas.

PROJETO PROMETEU

Como o próprio nome indica, esta linha de pesquisa inspira-se no Mito de Prometeu considerado como um mito antropogônico e antropológico, e tem o intuito de estudar as várias faces do humanismo através de uma seleção de leituras e reinterpretações filosóficas ou literárias desse mito, realizadas na antiguidade ou na modernidade.

Tal como contado no *Protágoras*¹ de Platão, o referido mito trata da gênese dos seres vivos e o encargo dado por Zeus a Epimeteu e Prometeu. Eles deveriam distribuir capacidades [δυνάμεις]² a todos os animais de maneira que pudessem sobreviver no mundo. Epimeteu se encarrega da distribuição e parece dar conta do recado, fazendo isso na devida proporção. No entanto, não sendo muito sábio, acaba

¹ Utilizamos a edição traduzida e organizada por Daniel Lopes (Perspectiva, 2017).

² *Prot.*, 320d5.



usando todas as capacidades antes de chegar ao homem. Isso leva Epimeteu a um impasse [ἀποροῦντι]³ do qual ele não conseguiria, de modo algum, sair sem a ajuda de Prometeu, seu irmão. Sem mais nenhuma capacidade para dar aos homens, Prometeu se vê obrigado a roubar dos deuses o fogo e as artes e a entregá-los à humanidade. Graças ao feito de Prometeu, o homem foi capaz de sobreviver no mundo. Prometeu é, portanto, aquele que fez o homem possuir recurso de vida [εὐπορία μὲν ἀνθρώπῳ τοῦ βίου γίνεται],⁴ transformando uma *aporía* em *euporía*. Por esse feito, Prometeu será, depois, condenado e castigado por Zeus e acorrentado no Cáucaso por Hefesto.

O que queremos assinalar com o mito aqui exposto é o sentido da *aporía* e sua importância para o filosofar. Será através do fogo da razão e do uso das artes e técnicas que o homem irá se aprimorar e avançar dentro das suas próprias capacidades e possibilidades, na tentativa de se descobrir como humano.

No *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo, podemos ver como, apesar de agrilhado e sem liberdade para agir, Prometeu mantém-se firme em sua visão, sendo que o próprio destino de Zeus depende da liberdade de Prometeu.⁵ E nisso, Prometeu desafia Hermes, mensageiro de Zeus:

Fica sabendo ainda: nunca eu trocaria
minha desdita pela tua submissão.
Acho melhor ficar preso a este rochedo
que me ver transformado em fiel mensageiro
de Zeus, senhor dos deuses! Assim mostrarei
aos orgulhosos quão vazio é seu orgulho!⁶

Mesmo acorrentado, Prometeu se diz mais livre que Hermes, com sua função de submisso mensageiro de Zeus. A liberdade de Prometeu consiste na sua *métis*, sua astúcia, sua inteligência, isto é, no seu livre pensar que é fruto do seu saber, que o faz sempre estar adiante dos demais. O orgulho do liberto Hermes é vão, pois ele está preso na própria ignorância e não tem como saber, e nem mesmo como arrancar à força o que Prometeu diz saber. Prometeu é resiliente perante as circunstâncias em que se encontra quando é acorrentado por Hefesto. A tentativa de intimidá-lo pelo poder das sentinelas de Zeus, *Krátos* e *Bía*, de nada adianta para anular sua perspicácia e coragem frente ao seu destino. Ele se mantém firme e paciente perante a força onipotente e opressora de Zeus, e essa firmeza remete à sua liberdade de pensamento, tão próxima do ideal filosófico de um Sócrates, por exemplo. Nesse sentido, Prometeu e Sócrates, tragédia e filosofia, parecem ligados ou acorrentados por princípio,⁷ ambos firmes perante o verdadeiro saber.

³ *Prot.*, 321c3.

⁴ *Prot.*, 321e3-322a1.

⁵ *Prometeu Acorrentado*, v. 1003-4.

⁶ *Prometeu Acorrentado*, v. 1283-8.

⁷ NAAS (1995, p. 122).

Por fim, se tomarmos as obras modernas de Mary e de Percy Shelley, respectivamente *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* e *Prometeu Desacorrentado*, teremos um cenário bastante instigante, capaz de dar mostras da importância da ligação entre a figura de Prometeu e as várias figuras do humanismo construídas ao longo da história.

Começando pela célebre obra de Mary Shelley, é interessante notar que costumamos considerar Frankenstein, a criatura que ganhou vida, como dotada de humana dor. É possível ver nela o exílio e a condenação presentes no mito de Prometeu. No entanto, a nosso ver, não é a criatura que recebe a alcunha de Prometeu Moderno, mas o criador. É o criador que se chama Frankenstein, apesar de erroneamente associarmos este nome à criatura. É o criador que se utiliza da máxima arte para novamente roubar o fogo divino e dar vida a algo que ele construiu. Frankenstein roubou algo que pertencia somente à esfera divina, ele infringiu uma regra da natureza que dizia que os seres vivos só seriam gerados através da procriação. Ao fazer isso, ele rompeu irreversivelmente com Deus e se tornou ele mesmo um deus na sua atitude criadora e vital. Frankenstein na sua ousadia divina acabou por condenar a si mesmo aos seus próprios grilhões:

Por um momento, minha alma elevou-se acima de seus temores degradantes e miseráveis para contemplar as ideias divinas de liberdade e sacrifício de que aqueles lugares eram os monumentos e recordações. Por um instante, ousei romper meus *grilhões* e olhar ao redor com um espírito livre e elevado, mas o ferro corroera-me a pele, e eu afundei novamente, trêmulo e desesperado no miserável *eu*.⁸

Sem Deus para se agarrar, o próprio homem se torna deus e, como isso, prisioneiro de si mesmo e do seu próprio pensar.

Por fim, em *Prometeu Desacorrentado* veremos um Prometeu liberto ou, se nos permitirem a livre interpretação de ‘unbound’, *ilimitado*. Nas palavras de Percy Shelley, nos diz um Prometeu ainda acorrentado, mas firme em seu desígnio:

Três mil anos de insone desabrigo,
momentos, sempre por ferrões divisos,
iguais a anos, tortura e solidude,
desdém e desespero – eis meu reino –
mais glorioso que aquele que em teu trono
despiciendo prospectas, Grande Deus!
Ah, onipotente, se eu me rebaixasse
à tua vergonhosa tirania
e não pendesse fixo a este gélido
morro confunde-águas, negro e morto;
sem fim, sem mato, inseto, besta ou vida.
Ai de mim! Dor, dor, sempre, sempiterna!
Sem mudar, sem cessar, sem crer! Resisto.⁹

⁸ *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, Adriana Lisboa, 2002, p. 167-8.

⁹ *Prometeu Desacorrentado*, v. 12-24.

A resistência de Prometeu perante a tirania de Zeus é o que o mantém livre, pois mesmo na dor e na solidão ele se mantém sempre adiante no seu livre pensar, naquilo que ninguém antes dele pode conhecer.

Nessas duas obras, podemos encontrar duas versões de um Prometeu Moderno. Se pensarmos que Prometeu trata de um legado deixado aos homens, um legado de fogo e artes, notaremos que essa mesma atitude prometeica do homem pelo avanço da ciência e das artes levará à gênese do Prometeu Moderno e também a sua condenação.

Muitos seriam os outros exemplos, antigos e modernos, de retomadas literárias e filosóficas da figura de Prometeu. O presente projeto de pesquisa tem o intuito de se debruçar sobre alguns desses vários exemplos, sob a perspectiva da relação entre as mudanças nas figuras do humanismo e do humano ao longo do tempo e as várias reapropriações da personagem de Prometeu, que vai variando de forma à medida que as leituras do humano variam. Este projeto conta com a participação de alunos de ensino médio, graduação e mestrado que desenvolvem suas pesquisas em correlação com o tema.

FÍSICA FILOSÓFICA

Este projeto de extensão tem por intuito apresentar uma série de palestras que relacionem, prioritariamente, as disciplinas de física e de filosofia. Nisso, se propõe a fundamentar e complementá-las nos seus quesitos interdisciplinares, dedicando-se à apresentação de pontos comuns entre ambas as disciplinas, além de outras correlatas. Além do líder do GP, participam da equipe outros quatro professores do IFTM, de áreas distintas: Adriana Nogueira Alves (Física), Felipe Agostini Cerqueira (Antropologia), Renato Soares Capellari (Biologia) e Ricardo Spagnuolo Martins (Física).

Até o momento, foram realizadas três palestras sobre assuntos distintos e coerentes com a proposta, e ainda há previsão de outros eventos nos mesmos moldes. A primeira palestra foi realizada em 14 de setembro de 2018 e se intitulou “Filosofia pré-soquântica: Anaximandro e a física”. Foi ministrada pelos professores Ricardo Spagnuolo Martins e Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes. Com essa palestra, buscamos retomar os problemas dos primeiros filósofos, que também podem ser considerados nossos primeiros físicos ou fisiólogos, por serem os primeiros a observar e buscar respostas para questões fundamentais a partir da *phýsis*, o que resultou na construção da metafísica grega. A segunda palestra, realizada em 05 de outubro de 2018, foi ministrada também pelos professores Ricardo Spagnuolo Martins e Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes e se intitulou “Mecânica x dinâmica: Newton x Leibniz”. Nesta palestra, procurou-se demonstrar em que a física moderna se diferencia da antiga e como ela foi construída. A terceira palestra foi realizada em 21 de agosto de 2019 e ministrada pelos professores Adriana Nogueira Alves, Felipe Agostini Cerqueira, Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes, Renato Soares Capellari e Ricardo Spagnuolo Martins. Ela se intitulou “Magia e ciência: um debate”; procurou-se mostrar tanto a proximidade da magia e da ciência quanto o seu progressivo distanciamento. Foram utilizadas as noções gregas de *phýsis*, *phármakon* e *pharmakís* para mostrar como os

vocabulários mágico e médico estavam próximos, apesar de possuírem objetivos diferentes. Estão programadas ainda uma quarta e uma quinta palestras para o ano de 2019 com as temáticas: (i) evolução – em que se pretende comparar as noções de biologia dos antigos com os escritos de Darwin; (ii) mundos possíveis – com o intuito de discutir as diversas teorias sobre diferentes mundos e suas possibilidades.

CONCLUSÃO

Através desses breves apontamentos, apresentamos os projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos dentro do grupo de pesquisa “*Ápeiron: Estudos em Física e Metafísica*” do IFTM. O grupo segue em atividade e está desenvolvendo constantemente novas atividades a serem implementadas com alunos e professores dentro do Instituto Federal do Triângulo Mineiro.

REFERÊNCIAS

- CASERTANO, G. *Sofista*. São Paulo: Paulus, 2010.
- DESCARTES, R. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção *Os Pensadores*).
- DESCARTES, R. *Discurso do método*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção *Os Pensadores*).
- DODDS, E. R. *Os Gregos e o irracional*. São Paulo: Escuta, 2002.
- ÉSQUILO. *Prometeu Acorrentado*. Tradução de Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- FERRARI, F.; DONINI, P. *O exercício da razão no Mundo Clássico*. São Paulo: Annablume Clássica, 2012.
- GUTHRIE, W. K. C. *Os sofistas*. São Paulo: Paulus, 2007.
- HADOT, P. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 1999.
- HARARI, Y. N. *Sapiens*. Uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos*. Tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2010.
- KOFMAN, S. Prometheus, the First Philosopher. *Substance*, v. 15, n. 2, p. 26-35, 1986.
- LOPES, D. R. N. *Protágoras de Platão*. Tradução, estudo introdutório, comentários e notas de Daniel R. N. Lopes. São Paulo: Perspectiva; Fapesp, 2017.
- NAAS, M. Philosophy Bound: The Fate of the Promethean Socrates. *Research in Phenomenology*, v. 25, p. 121-141, 1995.

NIETZSCHE, F. *Nascimento da Tragédia*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

PRÉ-SOCRÁTICOS. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção *Os Pensadores*).

ROSSETTI, L. *Introdução à filosofia antiga*. Premissas filológicas e outras ferramentas de trabalho. São Paulo: Paulus, 2003.

SAID, E. *Humanismo e crítica democrática*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

SARTRE, J.-P. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores).

SHELLEY, M. *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*. Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SHELLEY, P. B. *Prometeu Desacorrentado e outros poemas*. Tradução de Adriano Scandolara. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

VERNANT, J.-P. *As origens do pensamento grego*. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Difel, 2006.